

CONFERÊNCIA DO NORDESTE: OS ESTUDOS DA FRONTEIRA ECONÔMICA E A REVOLUÇÃO SOCIAL. PERNAMBUCO, 1962.

ARTHUR VICTOR GONÇALVES GOMES DE BARROS*

A década de sessenta no Brasil é tida por muitos historiadores como um período de instabilidade política e de grande turbulência no meio social, principalmente após a inesperada renúncia do presidente Jânio Quadros. Boris Fausto coloca que ao assumir a presidência, João Goulart tinha no cenário nacional o “claro avanço dos movimentos sociais e o surgimento de novos atores” (FAUSTO, 2012:244). Quem seriam esses novos atores? O Brasil estava passando por uma rápida transformação sócio industrial decorrente do desenvolvimentismo do Governo JK. Entretanto, a política de crescimento dos “cinquenta anos em cinco” além do progresso, trouxe uma desigualdade entre as regiões do país. Esses novos atores a quem Fausto se refere são compostos pelos camponeses, que haviam sido esquecidos pela política populista.

Neste mesmo cenário de desenvolvimento e desigualdade, movimentos sociais surgiram nas regiões esquecidas do Brasil, dentre a principal esta o Nordeste. A situação de miséria que vivia o Nordeste brasileiro chamou a atenção dos setores políticos tanto do plano nacional como internacional. Dentre esses movimentos destacamos as Ligas Camponesas. No plano nacional os latifundiários viam nas Ligas uma nova revolução na América Latina, situação essa que levou ao governo norte-americano elevar o seu nível de alerta para uma eminente revolução comunista no Brasil.

Entretanto, outro setor estava preocupado com a situação de desigualdade do camponês nordestino e conseqüentemente do Brasil. O fervor que vivia a nação naquele momento possibilitou que um grupo ligado a Confederação Evangélica do Brasil (CEB) traçasse planos para uma possível solução dos problemas sociais, principalmente do Nordeste e do Brasil. O Setor de Responsabilidade Social da Igreja (SRSI) foi setor criado dentro do Departamento de Igreja e Sociedade da Confederação Evangélica do Brasil. Esse setor tinha como finalidade discutir como inserir a Igreja no debate das políticas sociais e a sua participação nos problemas da realidade brasileira. As primeiras medidas do setor foram de

* Graduado em Licenciatura em História pela Fundação de Ensino Superior de Olinda (FUNESO) e pós-graduando em História do Brasil pela Faculdades Integradas da Vitória de Santo Antão (FAINTVISA).

XXVII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA

Conhecimento histórico e diálogo social

Natal - RN • 22 a 26 de julho 2013

ANPUH
BRASIL

organizar uma série de reuniões para discutir a participação da Igreja no cenário social do Brasil. Em 1955 foi realizada a primeira reunião, tendo em vista o estudo sobre a responsabilidade social da Igreja. A segunda reunião realizada em 1957 teve como tema

“Igreja e as rápidas transformações sociais do Brasil”. A terceira reunião foi realizada em 1960, em São Paulo cujo tema era “Presença da Igreja na Evolução da Sociedade”. A quarta e última reunião do Grupo foi realizada no possível epicentro da revolução brasileira. O local escolhido fora a “Cuba Brasileira¹”, o Recife. Cristo e o Processo Revolucionário Brasileiro fora o tema escolhido para a reunião, entretanto passou a ser conhecida como Conferência do Nordeste, que aconteceu entre os dias 22 e 29 de julho de 1962. A Conferência foi um grande evento realizado pelo Setor de Responsabilidade Social e a partir dela seriam tomadas as diretrizes para aplicação no cenário brasileiro.

O objetivo deste trabalho é analisar os resultados obtidos pelos grupos de estudo da Conferência do Nordeste e como ele poderia ser atrelado às reformas de base propostas pelo presidente João Goulart. Procuramos analisar a escolha do Recife como sede da reunião e como a Conferência foi recepcionada pela população através da análise dos jornais da época.

1. A Escolha do Nordeste como sede da Conferência

Recife não foi escolhida por acaso para sediar a quarta reunião de estudo do Setor de Responsabilidade Social da Igreja. Podemos destacar que a escolha seria uma reivindicação de alguns líderes do Nordeste de que as reuniões estavam apenas acontecendo no eixo Rio-São Paulo. Entretanto, um dos grandes motivos para a escolha do Nordeste se deu pelo momento que vivia a região.

Desde a aprovação do projeto que desapropriava o Engenho Galileia em 8 de dezembro de 1959, o Nordeste brasileiro passou a ter destaque no cenário nacional e internacional. A desapropriação representou a intensificação das atividades das Ligas Camponesas em outras regiões do Nordeste. O crescimento da Liga chamou a atenção de Washington, principalmente após o jornalista do *The New York Time*, Tad Szulc escrever uma série de reportagens contando o que se passava naquela região.

O estado de miséria que vivia o nordestino era agravante para um país que procurava o seu desenvolvimento. Na matéria do *The New York Time*, Szulc procurava mostrar a realidade vivida pelo camponês. A matéria procurava alertar a semelhança do cenário nordestino com os da Revolução Cubana e a China. Podemos observar essa preocupação no seguinte trecho da matéria:

¹ Nas crônicas da Conferência do Nordeste o Rev. Almir dos Santos se refere a capital de Pernambuco como “a Moscousinha brasileira, a pequena Moscou brasileira, o nordeste tem sido chamado ‘a Cuba brasileira’ ou ‘estopim da revolução’”. Anais da Conferência do Nordeste: Cristo e o Processo Revolucionário Brasileiro. Rio de Janeiro: Editora Loqui LTDA, 1962.

Os componentes de uma situação de revolução tornam-se cada vez mais visíveis na vastidão de um Nordeste brasileiro assolado pela pobreza e perseguido pela praga da seca. [...] A miséria como questão social é explorada através de uma crescente influência esquerdista nas cidades superpovoadas. As Ligas Camponesas infiltradas por comunistas que organizam e doutrinam, têm se tornado importante fator político nessa área. [...] O primeiro ministro de Cuba Fidel Castro e Mao Tsé-Tung o presidente da China Comunista são apresentados como heróis a serem imitados pelos camponeses do Nordeste e pelos estudantes (The New York Times. Monday, October 31, 1960. P.01 apud PORFÍRIO, 2009:48).

Francisco Julião aproveitava o cenário de miséria do povo nordestino para justificar o uso de uma revolução, armada se preciso, no campo e utilizava Fidel Castro e Mao Tsé-Tung como exemplos. A matéria do Szulc foi o pontapé inicial para uma série de estudos sobre o Nordeste Brasileiro. Após a publicação da matéria no *The New York Times* “o Nordeste do Brasil tornou-se uma parada obrigatória nas viagens de todo mundo à América do Sul” (PAGE, 1972:29). John Kennedy, eleito presidente dos Estados Unidos, fora diretamente influenciado pelas matérias do Szulc, usando como referência para justificar a interferência estadunidense no Nordeste brasileiro.

Uma das primeiras medidas do recém-eleito presidente Kennedy foi anunciar a criação da Aliança para o Progresso que era “um vasto esforço da cooperação, sem paralelo em magnitude e nobreza de propósito, para satisfazer as necessidades básicas de casas, trabalho e terra, saúde e escolas do povo [latino] americano” (PAGE, 1972:27).

A cada dia Pernambuco chamava atenção pelo crescimento dos movimentos sociais. Em 30 de julho de 1961, Kennedy envia para Recife seu irmão Edward Kennedy para uma visita *in loco* da região. Sobre essa visita Pablo Porfírio comenta:

Entendemos que a visita do irmão do presidente Kennedy como um indicador de que o Nordeste, e mais especificamente Pernambuco, com as suas mobilizações sociais, chamava cada vez mais atenção do governo dos Estados Unidos, pois essa já era a segunda missão de caráter oficial enviada à região em um ano de governo Kennedy (PORFÍRIO, 2009:54).

A primeira missão oficial a quem Pablo se refere é a visita do Arthur M. Schlesinger. Nessa visita Schlesinger observou os problemas do Nordeste e a parti dela preparou um material que “fornecia a Washington uma dimensão inicial daquilo que era considerado pelos EUA como uma combinação possivelmente revolucionária: a situação de

extrema pobreza associada à mobilização popular, liderada por comunistas” (PORFÍRIO, 2009:52).

Até aqui entendemos como o Nordeste passou a ter máxima importância num cenário internacional. É preciso lembrar que por trás de toda essa movimentação tínhamos a Guerra Fria como plano de fundo.

2. Conferência do Nordeste: Cristo e o Processo Revolucionário Brasileiro

A Conferência do Nordeste foi à quarta reunião do Setor de Responsabilidade Social da Igreja da Confederação Evangélica do Brasil. Foi realizada entre os dias 22 e 29 de julho de 1962 nas dependências do Colégio Agnes Erskine, no Recife. A reunião “tornou-se uma realização sem precedentes na história do evangelismo brasileiro” (I:11²).

Contou com a presença de cento e sessenta e sete participantes representando

14 diferentes denominações protestantes (entre as quais batistas, congregacionais, presbiterianos, episcopais, luteranos, pentecostais reformados, metodistas livres) e delegados de cinco Igrejas dos Estados Unidos, México e Uruguai como observadores. Dezesete estados do país, incluindo Pernambuco, estavam representados (BURITY, 2011:171).

Temos duas características que chamam atenção na interpretação da Conferência. No título do evento encontramos o uso da palavra revolução. Embora já fosse discutido nas últimas reuniões sobre a presença de Cristo no processo de mudança do cenário brasileiro, a palavra foi alvo de muita crítica. No prefácio do primeiro volume da Conferência, o presidente do Supremo Concílio da Igreja Presbiteriana do Brasil Amantino Adomo Vassão procura desviar a atenção de que a palavra revolução esteja associada ao comunismo, visto que Amantino é um dos que pertence à ala mais conservadora da Igreja. Procura abrandar o uso da palavra mostrando que “Cristo, o meigo e suave Salvador, promoveu a maior revolução que a História registra, sem violência, com as armas do amor” (I:2). Neste sentido Joanildo Burity sugere que ao se utilizar da figura de Cristo e sua revolução sem violência e com as armas do amor, na verdade estaria usando “como efeito deslegitimante de opções políticas radicais por parte de sujeitos religiosos, mas em nenhum momento impedia de que se aceites medidas violentas para assegurar a ‘paz social’” (BURITY, 2011:176).

² Os anais da Conferência do Nordeste foram publicados em dois volumes. O primeiro volume trata de uma crônica escrita por Waldo César do evento e possui um caráter informativo do evento. O segundo volume analisa as preleções do evento e os resultados obtidos pelos grupos de estudos da Conferência. A partir daqui indicaremos as referências dos volumes da Conferência do Nordeste pelo volume, em romanos, e a página em arábicos.

Waldo César numa entrevista ao site Novos Diálogos comenta sobre a escolha do tema. Sobre a questão do processo revolucionário ele diz:

estávamos em 1962, já era João Goulart, havia uma efervescência nacionalista, as reformas de base, aquela coisa pegando fogo. O [Francisco] Julião fazendo uma onda medonha, os estudantes, havia toda uma ebulição social e cultural no Brasil extremamente forte e de um nacionalismo mesmo. Então, nós vimos que a palavra revolução era capaz de expressar um compromisso maior, mais definitivo, definido, sobre a relação da Igreja com essa questão, e o tema foi uma bomba³.

Não só como o tema caiu como uma bomba, como também o cartaz que divulgava o evento. A arte feita por Claudius Ceccon provocou as demais interpretações. Gravado em um fundo vermelho, o cartaz de aproximadamente 1 metro por 70 centímetros, possuía uma grande cruz no centro com várias ferramentas agrícolas. Márcio Vilela sugere que “sendo um cartaz de cor vermelha poderia a Conferência ser associada a um evento comunista” (VILELA, 2012:7). As ferramentas agrícolas são facilmente identificadas com o movimento das Ligas Camponesas que agitavam o interior do Nordeste. Sobre a cruz, Márcio continua sugerindo que “Cristo encontra-se preocupado com questões de homem comum, como o camponês e o operário” (Idem). Entretanto, pastores ligados à ala conservadora da Igreja procuravam chamar atenção para a infiltração de comunistas no evento. Na matéria do dia 29 de julho de 1962 do Diário de Pernambuco, o Rev. Ebenezer Gueiros escreve:

A infiltração vermelha na citada Conferência é evidente a começar do cartaz de propaganda de 95x65 Cms em fundo vermelho, com uma cruz inclinada, tangida por um vendaval do qual sobressae uma foice. Contem os seguintes dizeres: ‘Cristo e o Processo Revolucionário Brasileiro’. Se ao C da palavra Cristo se juntar em sentido horizontal o T da mesma palavra, teremos a conhecida e estilizada figura da foice e do martelo. Este cartaz foi afixado aos milhares pelas ruas da cidade⁴.

Enfim, no dia 22 de julho de 1962, dava-se início as atividades da Conferência. O Rev. Almir dos Santos conduziu a abertura do evento pregando sobre o tema da Conferência. No dia seguinte em letras garrafais, o jornal Última Hora estampava na primeira capa: “Evangélicos propõem a Revolução Cristã!⁵” destacando a importância da Igreja de estar do lado da revolução que beneficiaria os pobres e oprimidos do Nordeste.

³ Waldo César: vida e compromisso com a responsabilidade social da Igreja. Disponível em: <<http://www.novosdialogos.com/artigo.asp?id=596>>. Acesso em: 13 mar. 2013.

⁴ Conferência Evangélica, Infiltrada de Vermelhos, Faz Propaganda subversiva. Diário de Pernambuco. Domingo, 29 de julho de 1962. Nº 169; ano 137; p.12.

⁵ Última Hora. Recife, segunda-feira, 23 de jul. 1962. Nº 25; ano 1 – Ed. NE.

3. Os Grupos de Estudo da Conferência – Fronteira Econômica

O segundo momento da Conferência foi marcada pelos estudos dirigidos sobre a realidade brasileira. Os grupos foram divididos em dois campos distintos, chamados aqui de fronteiras. De um lado a fronteira econômica, que procurou trabalhar os problemas do homem nos setores urbanos, industrial e agrário. A segunda fronteira é a cultural, que aborda questões como educação, arte e comunicação. Procuramos aqui analisar apenas o segundo momento da Conferência, os grupos de estudos, dando preferência à fronteira econômica deixando aberta a oportunidade para outro trabalho sobre as preleções e o grupo de debates sobre a fronteira cultural.

Os estudos da fronteira econômica começam tecendo uma crítica em relação às rápidas transformações sociais no Brasil. Uma preocupação entre os participantes do grupo é a existência de dois Brasis, um novo que é representado pela rápida industrialização, concentrada principalmente nas regiões Sul-Sudeste e um arcaico, que seria as regiões subdesenvolvidas, principalmente o Nordeste. Ciente desse problema questionou-se sobre “como relacionar Igreja e sociedade em tal situação?” (II:151).

E qual seria essa situação levantada pela ideia de dois Brasis? O cenário nacional dispunha de algumas respostas para essa situação. Vejamos,

5. Crescimento rápido e desordenado das cidades, com desenvolvimento econômico do nosso país; [...] 7. Recrudescimento de problemas típicos das populações marginais, como delinqüência, mendicância, prostituição, abandono de menores, e outros; 8. A maioria da população vive em condições precárias, privada dos mais rudimentares serviços públicos (II:152).

Sobre esses problemas iniciais encontrados na sociedade brasileira, os participantes do grupo urbano sugeriu uma nova organização urbana, sendo que dessa vez planejada, em que os recursos públicos ou particulares fossem bem aproveitados e assim resolver os problemas de habitação no sentido de uma “moradia espaçosa, higiênica, confortável; fácil acesso aos locais de trabalho; luz, água, esgoto, telefone, escola, parque infantil, praça de esportes, mercado, ambulatório, hospital, biblioteca, etc.” (II: 153). E para garantir a participação da Igreja nesse contexto era necessário que houvesse a “formação de grupos de estudo para intensificar a tomada de consciência da transformação social” (II:153), sendo o Setor de Responsabilidade Social da Igreja responsável pela “fonte de informação básica para esses estudos em grupo” (idem).

Passando para o campo industrial vemos que nos últimos anos (1955-1962), principalmente durante o Governo de Juscelino, houvera no Brasil um crescimento da indústria. Porém a concentração das indústrias na Região Centro-Sul, principalmente no Estado de São Paulo, acarretou numa desigualdade entre as regiões, entre elas o Nordeste, provocando assim o “enriquecimento de apenas certas regiões em detrimento de outras, provocando enorme disparidade quando ao desenvolvimento econômico, cultural e político, entre as diferentes regiões do país” (II: 156 -157).

O grupo chama a atenção de alguns Órgãos, que vem tendo uma atuação no desenvolvimento da indústria do Nordeste, neste caso a SUDENE. A Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste é mencionada no grupo pelos seus investimentos na região para assim desenvolver uma indústria que possa mudar a realidade do Nordeste e assim atender as necessidades da região e não das indústrias estrangeiras, que apenas visam o lucro. Podemos caracterizar assim a criação de uma indústria nacional, nos moldes da política desenvolvimentista, e uma espécie de uma revolução industrial própria que atenda as necessidades brasileiras e não estrangeiras. Embora a questão industrial seja bastante discutida, o problema agrário, está “intimamente ligado ao de qualquer passo para o progresso, inclusive no setor industrial” (II: 157). Com isso podemos identificar que os grupos procuravam uma resposta rápida em relação à questão agrária no país.

Foram elaboradas as seguintes conclusões a respeito da participação do cristão no meio industrial:

Dar ênfase ao estudo dos problemas sociais, resultantes da industrialização, e à ação cristã em resposta a eles, [...] participação dos operários na administração das indústrias; formação de conselho de fabrica, problemas de divisão da família, dinamização espiritual e estudo bíblico, [...] estudar a forma e estrutura da vida da Igreja em face das situações locais em áreas industrializadas, e propor possíveis modificações, exigidas pelas novas circunstâncias. Incluam-se como temas de estudo: testemunho ecumênico das fábricas, novas formas de culto, conceito de vocação ministerial e do leigo, desafio do comunismo (II: 159).

Uma das recomendações do grupo é que os cristãos apoiassem as reformas de base de João Goulart e que inclusive, recomendavam a candidatura de cristãos para a disputa das eleições para o Congresso em outubro de 1962 e assim, criando uma representação no Congresso para que estivessem comprometidos não com “o latifúndio nacional ou com os grupos econômicos internacionais, porém, comprometidos com a aprovação urgente de reformas estruturais, chamadas reformas de base” (II: 159). Notasse que os intelectuais da

Conferência estavam confiantes que as reformas de Jango poderiam mudar a cara do Brasil e, para que elas fossem aprovadas urgentemente, lançariam a candidatura de cristãos ao Congresso que pudessem mudar a realidade nacional.

Como fora citado anteriormente, a questão agrária era de extrema importância no debate dos grupos de estudo, chegando a ter uma continuação após a Conferência em estudos constantes no SRSI.

Note que o discurso da reforma agrária é antigo no Brasil. Infelizmente a reforma não poderia ser aprovada no Congresso enquanto houvesse uma grande parte de deputados latifundiários. Porém, com Jango na presidência, o discurso de uma reforma agrária tomava forma. A atuação das Ligas Camponesas na desapropriação do Engenho Galileia em Pernambuco e, futuramente com a eleição de Miguel Arraes para governador do Estado de Pernambuco e a volta dos poderes presidenciais no plebiscito que acabou com o parlamentarismo no Brasil, deu uma liberdade para que, por um breve momento a reforma agrária se tornasse realidade no Brasil.

Sobre a reforma agrária, o grupo chega à conclusão que a existência de latifúndios “antieconômicos cria o fenômeno da distribuição desigual da terra; e caracteriza uma estrutura socioeconômica, com desastrosas conseqüências para o homem do campo e para a economia nacional” (II: 163-164). A reforma agrária seria a solução para uma melhora para a vida do camponês, salientando que para haver uma reforma justa é necessário que a reforma seja garantida por emendas constitucionais, nesse caso, através das reformas de base.

O grupo continua o debate tecendo críticas em relação ao deslocamento de mão-de-obra do campo para as grandes cidades, principalmente as de São Paulo. Essas migrações internas são consequência da falta do desenvolvimento do campo e assim provocam o inchaço urbano, causando um desenvolvimento desorganizado.

Quais seriam as soluções para que houvesse uma reforma agrária justa e assim o camponês ter direito no uso da terra e nas relações de trabalho? Foram debatidas várias hipóteses para encontrar uma solução para o problema do campo. Era necessário que a reforma agrária fosse garantida por lei e que para isso, cristãos participassem das campanhas eleitorais galgando um espaço no Congresso, para assim de forma imediata aprovar as reformas de base do presidente João Goulart. Formando uma bancada protestante que não atendesse as necessidades dos grandes latifundiários, poderia então discutir os problemas para que assim os camponeses fossem assistidos e tivessem uma garantia mais humana de vida.

Havia uma preocupação especial em relação ao homem do campo, que, decorrente da industrialização que acontecera no Brasil nos últimos anos, fora esquecido e vivia uma situação de miséria e de péssimas condições de trabalhos. Sentiam uma necessidade de uma reforma em relação ao modo de trabalho e de vida do camponês, como por exemplo, a garantia de direitos iguais aos trabalhadores do meio urbano.

Além dessas medidas, seria importante que as autoridades levassem em consideração questões como investimento através de créditos especiais supervisionados que permitissem que o camponês pudesse comprar materiais para a sua produção, a criação de sindicatos rurais, que mais a frente será concretizado pela Igreja Católica e um cooperativismo para que fundamentados em um grupo social de membros conscientes da situação em que viviam (miséria), pudessem encontrar soluções socioeconômicas para os seus problemas.

Diante dessas preocupações como inserir a Igreja na realidade dos problemas sociais no Brasil? Primeiro, seria necessário que a Igreja tivesse conhecimento da sociedade brasileira, ou seja, dando seu “testemunho tanto por meio da ação corporativa, como pela ação individual de seus membros, infiltrados em cada setor da vida urbana” (II:151). Ou seja, “para o triunfo final é, necessário [...] que os membros da Igreja ajam nas esferas específicas das atividades que cada um exerce na vida social” (I:57). Antes da Conferência do Nordeste, a Igreja Presbiteriana do Brasil aprovou, mesmo que diante de alguns entraves, o Pronunciamento Social da IPB, que procurava inserir o crente diante dos problemas brasileiros, onde procuravam,

Incentivar seus membros a assumirem uma cidadania responsável, como testemunhas de Cristo, nos sindicatos, nos partidos políticos, nos diretórios acadêmicos, nas fábricas, nos escritórios, nas cátedras, nas eleições e nos corpos administrativos, legislativos e judiciários do País (ARAÚJO, 2010 p.66).

Considerações finais

Na segunda-feira, 30 de julho de 1962, a segunda página do jornal Última Hora estampava a matéria “Evangélicos Enceram Conferência: Igreja deve estar com o Povo”. Chegava ao fim à reunião que contou com a “participação de elementos representativos dos vários grupos denominacionais e de muitos estados do Brasil” (I:11) e obteve uma “tremenda repercussão [...] fora do âmbito evangélico” (idem).

Durante esses dias em que estiveram reunidos procuraram debater a realidade nacional e o cenário de uma pré-revolução que tomava conta do Brasil, principalmente no

Nordeste. Foram elaboradas soluções para melhora da vida urbana, melhores condições de trabalho para o homem, tanto na indústria como no campo. E finalmente garantiu que para que houvesse essa mudança seria necessário lutar pelas reformas de base do presidente João Goulart.

Referências

Fontes primárias impressas

Arquivo Público Estadual Jordão Emereciano - APEJE

Jornal do Comércio – Julho de 1962

Jornal Diário de Pernambuco – Julho de 1962

Jornal Última Hora – Julho de 1962

Referências Bibliográficas

ARAÚJO, João Dias. **Inquisição sem Fogueiras**. 3. Ed. São Paulo: Fonte Editorial, 2010.

BURITY, Joanildo. **Fé na Revolução. Protestantismo e o discurso revolucionário Brasileiro (1961-1964)**. Rio de Janeiro: Novos Diálogos, 2011.

CÉSAR, Waldo *et al.* **Cristo e o Processo Revolucionário Brasileiro: A Conferência do Nordeste Vol. I**. Disponível em <<http://www.metodistavilaisabel.org.br/docs/A-CONFER%C3%80ANCIA-DO-NORDESTE-livro1.pdf>>. Acesso em 23 jan. 2013.

CÉSAR, Waldo *et al.* **Cristo e o Processo Revolucionário Brasileiro: A Conferência do Nordeste Vol. II**. Rio de Janeiro: Lóqui, 1962.

EDITORES. **Waldo César: vida e compromisso com a Responsabilidade social da igreja**. Novos Diálogos. 20 jun. 2011. Disponível em: <<http://www.novosdialogos.com/artigo.asp?id=596>>. Acesso em: 20 out. 2012.

FAUSTO, Boris. **História Concisa do Brasil**. 2. ed., 5. reimpre. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2012.

FIGUEIREDO, Argelina Cheibub. **Democracia ou Reformas? Alternativas democráticas à crise política: 1961-1964**. São Paulo: Paz e Terra, 1993.

GUEIROS, Ebenezer Furtado. **Conferência Evangélica, Infiltrada de Vermelhos, faz Propaganda Subversiva**. Diário de Pernambuco. Pernambuco, 29 de jul. 1962. N.169, p.12.

GUEIROS, Israel F. **Congresso Evangélico Dominado por Vermelhos: Pastor Denuncia**. Diário de Pernambuco. Pernambuco, 24 de jul. 1962. N. 164, p.3.

JÚNIOR, Raimundo César Barreto. **A Conferência do Nordeste e o Movimento Igreja e Sociedade.** Revista Ultimato, jan.-fev. 2008. Disponível em: <<http://www.ultimato.com.br/revista/artigos/310/a-conferencia-do-nordeste-e-o-movimento-igreja-e-sociedade>>. Acesso em 24 nov. 2012.

PAGE, Joseph A. **A Revolução que Nunca Houve. O Nordeste do Brasil 1955-1964.** Rio de Janeiro: Record, 1972.

PORFÍRIO, Pablo. **Medo, Comunismo e Revolução: Pernambuco (1959-1964).** Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2009.

SKIDMORE, Thomas E. **Brasil: de Getúlio a Castello (1930-1964).** São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

VILELA, Márcio Ananias Ferreira. “**Cristo e o Processo Revolucionário Brasileiro**”: **a Conferência do Nordeste e a responsabilidade social da Igreja Presbiteriana no Brasil.** Anais Eletrônicos do XI Encontro Nacional de História Oral: Memória, Democracia e Justiça. Rio de Janeiro. UFRJ, 2012.